

CONTRIBUIÇÃO PARA A HISTÓRIA DA TRADUÇÃO DOS CLÁSSICOS GREGOS E LATINOS NO BRASIL: TRADUÇÕES DE LITERATURA CLÁSSICA EM COLEÇÕES POPULARES NO SÉC. XX

Willamy Fernandes Gonçalves¹

Resumo: O presente artigo apresenta uma revisão de traduções de literatura clássica publicadas no Brasil entre 1935 e 1989, fazendo uma breve resenha das diferentes coleções em que foram publicadas buscando compreender a recente história da tradução dos clássicos no Brasil e conjecturar a respeito de como ela influencia o cenário atual. Como resultado das análises, destaca-se a frequência com que as traduções populares recorrem a traduções indiretas (muitas vezes não apresentadas como tal) e a grande influência francesa no tratamento tradutório dispensado aos clássicos greco-latinos durante esse período.

Palavras-chave: história da tradução; literatura grega; literatura latina; Brasil; século XX.

Abstract: This paper presents a review of translations of classical literature published in Brazil between 1935 and 1989, giving a brief review of the different collections in which they were published, seeking to understand the recent history of the translation of the classics in Brazil and to conjecture about how it influences the current scenario. As a result of the analyzes, the frequency with which popular translations rely on indirect translations (often not presented as such) and the great French influence on the translation treatment of the Greco-Latin classics during this period stand out.

Keywords: translation history; Greek literature; Latin literature; Brazil; twentieth century.

O fato de até a atualidade não haver uma coleção de referência para traduções de literatura clássica grega ou latina tanto em Portugal quanto no Brasil representa uma ausência que assume papel central e determinante na história da tradução de literatura clássica para a língua portuguesa. A título de comparação, os leitores de língua inglesa dispõem desde 1911 da respeitada Loeb Classical Library, atualmente publicada pela Harvard University Press, com edições críticas e traduções filológicas, tendo ultrapassado a marca de 500 volumes e abarcando 1.400 anos de obras gregas e latinas, desde os poetas arcaicos gregos até a Antiguidade tardia². Os franceses, por sua vez, dispõem desde 1920 da coleção Budé ou *Collection des Universités de France*, da editora Les Belles Lettres, atualmente com 525 volumes na sua série grega³ e 399 volumes na sua série latina⁴, cujas características são semelhantes às da coleção inglesa. Os leitores de língua espanhola, dispõem desde 1956 da coleção *Alma mater* ou *Colección hispánica de autores griegos y latinos* do Consejo Superior

¹ Mestrando em Letras Clássicas pela Universidade de São Paulo. Licenciado em Letras pela Universidade Federal do Ceará (2017).

² Catálogo disponível em: < <https://www.loebclassics.com/browse?pageSize=100&sort=authorsort&t1=library.latin> >. Acesso em: 10 out. 2018.

³ Catálogo disponível em: < <https://www.lesbelleslettres.com/les-budes/serie-grecque?page=36&> >. Acesso em: 10 out. 2018.

⁴ Catálogo disponível em: < <https://www.lesbelleslettres.com/les-budes/serie-latine?page=26&> >. Acesso em: 10 out. 2018.

de Investigaciones Científicas, em formato bilíngue, semelhante às coleções inglesa e francesa, contendo atualmente 107 volumes⁵. O leitores de língua espanhola dispõem ainda, desde 1977, da Biblioteca Clásica Gredos que conta atualmente com 415 volumes em edições monolíngues contendo apenas a tradução espanhola⁶.

Apesar da inegável importância dessa ausência, ela ainda não foi considerada pelos trabalhos da incipiente historiografia da tradução de literatura greco-latina para a língua portuguesa. Trevizam (2002, p. 253) refere de passagem a situação no início do séc. XXI:

A inexistência, no meio universitário brasileiro, de condições realmente favoráveis à ampla divulgação de textos de cultura consagrados pelo gosto dos leitores e dos críticos justifica a necessidade da atuação de editoras privadas nesse âmbito: longe estamos do que se dá nos chamados países de primeiro mundo, onde a produção acadêmica consagrada de edições sérias e econômicas dos clássicos facilita ao público ter acesso às obras, sem, em absoluto, comprometimento da qualidade.

Quase duas décadas depois da constatação de Trevizam (2002), cabe reavaliar essas condições e, mais do que isso, avaliar quais as consequências dessa ausência para o cenário da tradução dos clássicos latinos, seja contemporaneamente, seja ao longo de sua história recente. No presente artigo, avalia-se a presença da literatura clássica greco-latina em coleções populares, muitas vezes em formato de bolso, publicadas no Brasil ao longo do século XX.

As coleções aqui estudadas são constituídas por obras variadas, não exclusivamente clássicas⁷ e abarcam um período que vai de 1935 (com a publicação da *Arte de Amar* em tradução de Corah O. Roland) à década de 1980, com a publicação de algumas das últimas traduções pela Cultrix e pela Ediouro⁸. Trata-se de um período cercado pela predominância de traduções feitas por professores da área de letras clássicas. Entre 1920 e 1935, a publicação de traduções dos clássicos latinos para a língua portuguesa fica quase exclusivamente a cargo de professores e são publicadas por organizações editoriais escolares como as *Escolas profissionais salesianas*, que publicaram as traduções do professor João Ravizza (FERNANDES, 2017, p. 178-179). Esse modelo de edição cuja finalidade precípua é facultar aos alunos o aprendizado da língua latina e o aprofundamento do aprendizado de língua portuguesa terá continuidade até a década de 1960 com as obras de Sousa da Silveira (1948 [1927]), José Castagno (1931), Napoleão Esteves (1945), José Lodeiro (1947) e Maximiano Augusto Gonçalves (1954), sempre em edições bilíngues com tradução literal justalinear, tradução em

⁵ Catálogo disponível em: < <http://editorial.csic.es/publicaciones/coleccion/212/alma-mater/3/10/title> >. Acesso em: 10 out. 2018.

⁶ Catálogo disponível em: < http://www.editorialgredos.com/biblioteca_clasica_gredos >. Acesso em: 16 out. 2018.

⁷ A coleção “Os imortais da literatura universal”, em 53 volumes publicados entre os anos 1970 e 1980 e ainda muito presentes nos sebos brasileiros, não contém nenhum título grego antigo ou latino. A coleção “Clássicos Abril”, em 35 volumes publicados a partir de 2010, apresenta a *Odisseia* de Homero no volume que encerra a coleção.

⁸ Note-se, entretanto, que tal delimitação temporal diz respeito apenas à primeira edição de cada tradução.

português corrente, texto latino original e texto latino reorganizado de acordo com a ordem direta da língua portuguesa, além de comentários gramaticais⁹. Em contraste, as traduções que serão aqui estudadas são publicadas em formato monolíngue e com notas destinadas apenas a facilitar a leitura do texto, esclarecendo referências históricas e mitológicas, por exemplo. A partir da década de 1990, essas traduções passam a coexistir com uma “era dos doutores” (DUARTE, 2016, p. 44), caracterizada pela predominância de traduções oriundas de trabalhos acadêmicos ou feitas por professores de língua grega ou latina nos cursos universitários e pelo retorno das edições bilíngues.

As mais antigas dessas coleções voltadas para o público geral que são ainda hoje facilmente encontradas em bibliotecas e sebos brasileiros são as coleções das editoras Atena e W. M. Jackson. Todavia, ainda na década de 1930, há a publicação isolada da tradução da *Arte de Amar* por Corah O. Roland (OVÍDIO, 1935) pela Paulista que, como se pode ler na contracapa do volume, integra uma coleção que abrange tanto títulos de caráter didático, como *Introdução à pedagogia do piano* e *Manual de estatística*, quanto alguns títulos de apelo comercial como *O amor depravado dos homens célebres* e também alguns títulos clássicos como *Chitra* de R. Tagore e a própria *Arte de Amar*. Apenas após todos os elementos pré-textuais, incluindo um breve prólogo em que a tradutora informa a biografia de Ovídio, encontramos a seguinte advertência: “Esta tradução foi feita do original francez de Jean de Jauregui, edição ‘Le Livre du Bibliophile’, Paris” (OVÍDIO, 1935, p. XIV).

Considerando o papel da tradução indireta como “meio de divulgação e enriquecimento cultural, por meio do qual muitas obras de limitado acesso físico e/ou linguístico chegaram a nossa cultura” (ACCÁCIO, 2010, p. 97), causa alguma surpresa ver uma tradução indireta de um texto latino num momento em que o ensino de latim era obrigatório nas escolas. O que não é novidade é que a tradução seja feita por intermédio de tradução francesa: o francês era então igualmente obrigatório nas escolas e a relação com a língua francesa na intermediação das traduções dos clássicos recua até a Idade Média com *Vida e feitos de Júlio César*, contendo trechos de César, Lucano e Suetônio e traduzida do francês *Li fets des Romains* (MATEUS, 1970, p. IX), e com a *Coronica Troiana*, baseada não diretamente na *Ilíada*, mas no francês *Roman de Troie*¹⁰. Como veremos, a recorrente presença de traduções indiretas, quase sempre a partir de tradução francesa, é mais um

⁹ Modelo imitado da coleção francesa do século XIX *Les auteurs latins expliqués d’après une méthode nouvelle par deux traductions françaises*, de que citamos como um dos exemplos mais remotos o primeiro livro da *Eneida* (SOMMER; DESPORTES, 1853).

¹⁰ Chambel (2008, p. 2): “No que respeita à comparação da versão castelhana de Afonso XI com o *Roman de Troie*, Ramón Lorenzo considera que aquela segue com fidelidade o texto francês, embora não se trate de uma tradução servil, uma vez que não só adapta o “verso às características da prosa e às vezes traduz livremente”, como ainda constata a existência de diversas interpolações, por vezes, amplas, mudanças de lugar na colocação do conteúdo, assim como das citações das fontes latinas, e, o mais importante, numerosos erros de interpretação”.

elemento que singulariza o *corpus* aqui estudado, contrastando-o às traduções escolares que o precedem e às traduções acadêmicas, que o sucedem.

Coleção Clássicos Jackson. Editora W. M. Jackson.

Essa coleção, muito presente em sebos e bibliotecas brasileiras, foi editada e reeditada em 40 volumes entre as décadas de 1940 e 1970. As traduções de obras gregas e latinas da coleção são quase exclusivamente republicações de traduções originalmente publicadas no século XIX e, com exceção de Odorico Mendes, feitas por tradutores portugueses. De literatura latina, figuram na coleção as seguintes traduções: *Orações* de Cícero em tradução do Padre Antônio Joaquim, inicialmente publicada em 1807 (FEIJÓ, 1824, p. 500)¹¹; *Anais* de Tácito em tradução de José Liberato Freire de Carvalho (1772-1855)¹²; *Sátiras* de Horácio em tradução de Antônio Luís Seabra (1798-1895)¹³; *Os Fastos* de Ovídio em tradução de Antônio Feliciano de Castilho (1800-1875); *Geórgicas* de Virgílio em tradução do mesmo Castilho e *Eneida* de Virgílio em tradução de Manuel Odorico Mendes (1799-1864)¹⁴. De literatura grega, figuram a *Ilíada* de Homero, também em tradução de Odorico Mendes¹⁵; *Ciropédia* de Xenofonte em tradução de João Félix Pereira (1822-1891) e *Hipólito* de Eurípides, “em verso solto [...], um trabalho antigo, de tradutor português desconhecido” (SOUZA, 1950, p. X) incluído no volume XXII da coleção, intitulado *Teatro Grego*.

A única exceção é a tradução das *Histórias* de Heródoto por Brito Broca (1903-1961) que, entretanto, é uma tradução indireta, feita por intermédio da tradução francesa setecentista do historiador Pierre Henri Larcher (1726-1812). O volume XXII, consagrado ao *Teatro grego*, inclui também traduções em prosa do *Prometeu acorrentado* de Ésquilo, do *Rei Édipo* e da *Antígone* de Sófocles e das tragédias *Alceste* e *Electra* de Eurípides atribuídas pela editora a J. B. Mello e Souza, organizador e autor do prefácio e das notas. No prefácio, entretanto, Souza (1950, p. X) deixa registrado que atuou apenas na seleção das traduções¹⁶:

Tais considerações justificam, à saciedade, a preferência dada, na elaboração do presente volume, às traduções em prosa de algumas tragédias entre as mais famosas do teatro ateniense. Por exceção insere-se apenas uma em verso solto (o *Hipólito*, de Eurípides), completando-se destarte a série agora apresentada com um trabalho antigo, de tradutor português desconhecido, que venceu com certa galhardia as dificuldades do empreendimento.

¹¹ Publicada pela primeira vez no Brasil em 1942, pela editora Cultura (FERNANDES, 2017, p. 180).

¹² Originalmente publicada na França em 1830 pela editora J. P. Aillaud (FERNANDES, 2017, p. 75).

¹³ Publicada pela primeira vez no Brasil em 1908 pela H. Garnier (FERNANDES, 2017, p. 177).

¹⁴ Originalmente publicada em 1854, em Paris, pela tipografia Rignoux.

¹⁵ Originalmente publicada no Rio de Janeiro em 1874 pela Typographia Guttemberg.

¹⁶ Num post de 2012, Bottmann dá notícia deste e de outros casos de atribuição inadequada. Disponível em: < <http://naogostodeplagio.blogspot.com/2012/06/nao-fui-eu-foi-sim.html> >. Acesso em: 16 out. 2018.

A liberdade com que Souza pôde se servir delas sugere que estavam em domínio público. De todo modo, essas são as únicas traduções da coleção que podem ter sido empreendidas já no século XX e marcam a retomada da preferência por traduções em prosa corrida mesmo para obras originalmente compostas em versos que, como se verá, é característica do período aqui estudado. Por fim, a coleção Clássicos Jackson apresenta ainda dois volumes de *Poesia*, uma antologia organizada por Ary de Mesquita em ordem cronológica e que contém na parte inicial do seu primeiro volume poemas e excertos de autores gregos e latinos traduzidos por João Félix Pereira, Almeida Garrett (1799-1854), Antônio Feliciano de Castilho, José Feliciano de Castilho (1810-1879), João de Deus (1830-1896), Bocage (1765-1805), Filinto Elísio (1734-1819), Antônio José de Lima Leitão (1787-1856), Cândido Lusitano (1719-1773), José Agostinho de Macedo (1761-1831) e outros tradutores portugueses dos séculos XVIII e XIX.

Coleção Biblioteca Clássica/Clássicos Atena/Obras Imortais. Atena editora.

Publicadas entre o final da década de 1930 e o início da década de 1960, as coleções da editora Atena foram coordenadas pelos professores Giulio Davide Leoni e Paulo Borges Teixeira, sendo que o primeiro é acadêmico da área de letras clássicas e tradutor de obras latinas e gregas. Observa-se ainda a presença de traduções oitocentistas¹⁷, porém, ao contrário do que ocorre na coleção Clássicos Jackson, há evidente predominância de traduções inéditas. Contrariando a tendência dos tradutores do século XX a traduzir os poemas narrativos antigos em prosa, a coleção inclui a publicação das traduções então inéditas dos poemas homéricos por Carlos Alberto Nunes (1897-1990) “no verso original”. Essa notável exceção deve-se talvez ao fato de que o verso longo utilizado por Carlos Alberto Nunes é facilmente lido como prosa (CAMPOS, 1991-92, p. 144 apud OLIVA NETO, 2014, p. 38). Além disso, o próprio G. D. Leoni, em conjunto com Neyde Ramos de Assis, publica, na mesma coleção, sua própria tradução da *Odisseia*, desta vez em prosa. Essa tradução é precedida por uma nota explicativa dos editores (LEONI, 1960, p. 7):

A tradução em prosa da obra de Homero poderá ser vista por alguns como abusiva irreverência ao Poeta máximo da civilização helênica, pai da poesia épica. É possível que o receio de ser irreverente tenha inibido, em nosso meio, editores e tradutores, embora estivessem uns e outros convencidos de que Homero em prosa era uma necessidade, ou pelo menos alta conveniência. Tal inibição, já superada há muito tempo em outros países, longe de se justificar por um escrúpulo de fidelidade ou respeito, resultou na realidade em diminuição de Homero e do número dos que poderiam aprender a reverenciá-lo. O meritório, louvabilíssimo, quase heroico

¹⁷ A tradução dos poemas homéricos e da *Eneida* por Odorico Mendes e as *Orações* de Cícero em tradução do padre português Antônio Joaquim.

esforço dos que traduziram em verso os textos da *Ilíada* e da *Odisseia* não exclui o que, na verdade, poderia ser reconhecido como uma diminuição do Poeta, diminuição que consiste em roubar-lhe ao pensamento muito de sua força, de sua beleza e - coisa mais grave! - de sua clareza.

Em sua introdução, o próprio tradutor, e também organizador da coleção, busca ainda justificar sua opção por apresentar uma tradução em prosa e de caráter autoexplicativo:

Quanto a essa nova tradução, seja-me permitido observar que cada meio século tem necessidade de apresentar em novas vestes os poetas e os prosadores antigos: não porque eles mudem, mas porque nós sentimos diferentes necessidades estéticas e didáticas. Em nossa época, a leitura da *Odisseia* com o comentário de todas as minúcias seria fastidiosa e improfícua: eis porque quisemos apresentar uma narração em prosa, fácil e atraente, que tenha já implicitamente resolvido os problemas de filologia segundo os resultados da crítica moderna. Nenhuma nota erudita embaçará a leitura: mas esta ausência de aparato crítico não deve absolutamente parecer um simplista abandono de qualquer estudo. [...] Tudo isto, porém, tem um valor relativo: basta que se tenha atingido o escopo de ampliar, principalmente no campo da escola, a cultura humanística e de refinar o gosto para com as obras clássicas [...] (LEONI, 1960, p. 16).

Mais importante do que essa reafirmação explícita da preferência por traduções em prosa de fácil leitura, a coleção destaca-se pelo número de traduções inéditas que publica e pela fortuna editorial que algumas dessas traduções tiveram posteriormente. As traduções de Carlos Alberto Nunes, por exemplo, foram posteriormente republicadas pelas editoras Melhoramentos, Ediouro, Nova Fronteira e Hedra. Semelhante fortuna editorial se repetiria também para a tradução das *Obras* de Sêneca, assinada pelo próprio G. D. Leoni e posteriormente publicadas pela Ediouro e pela Abril Cultural, para a tradução do tratado *Da república* de Cícero, posteriormente publicada pela Ediouro (1973, 1985), pela Escala (1998) e, mais recentemente, pela Edipro (1996, 2011), para *A política*, de Aristóteles, em tradução de Nestor Silveira Chaves, também publicada pela Ediouro (1982), pela Escala ([199?], 2006) e pela Edipro (1995, 2008 e 2018), para as traduções de Plutarco por Hélio Vega e Petrônio por Miguel Ruas (publicadas também pela Ediouro e a Escala), e ainda para outras traduções originalmente publicadas pela Atena que tiveram percurso editorial similar¹⁸.

Coleção Clássica. Organização Simões.

A ausência de padronização característica das edições de literatura clássica nas coleções de editoras privadas é bem ilustrada por esta coleção Clássica da Organização Simões. Publicada nas

¹⁸ Bottmann (2010) entre os títulos publicados pela Folha em sua coleção “Livros que mudaram o mundo” publicada em 2010, lista nada menos que seis traduções originalmente publicadas pela Atena, dentre elas, a *República* de Platão e *A política* de Aristóteles respectivamente nas traduções de Albertino Pinheiro e Nestor Silveira Chaves. A autora ainda refere que desde o fechamento da Atena na década de 1960, suas traduções foram “exaustivamente republicadas por várias editoras - Ediouro, Abril Cultural, Nova Cultural, Agir, Nova Fronteira, Escala, Cultura Brasileira, Livraria Exposição do Livro, Hemus, Edipro”.

décadas de 1950 e 1960, a coleção inclui a tradução oitocentista da *Oração da Coroa* de Demóstenes por José Maria Latino Coelho (1825-1891)¹⁹, as traduções quinhentistas de Cícero pelo português Duarte de Resende (CÍCERO, 1952)²⁰, a tradução poética das *Metamorfoses* pelo português oitocentista Antônio Feliciano de Castilho (OVÍDIO, 1959)²¹, a tradução das *Sátiras* de Horácio em decassílabos pelo português oitocentista Antônio Luís Seabra²² (HORÁCIO, 1953), a “tradução literal” dos *Tristia* de Ovídio (1952) por Augusto Velloso²³ e uma tradução da *Arte de Amar* em prosa por Hélio Gomes da Luz (OVÍDIO, [1963?]). Os critérios de tradução e conceitos de fidelidade diferem consideravelmente desde a vulgarização humanista de Resende, passando pelas traduções poéticas em decassílabos brancos dos oitocentistas Seabra e Castilho e chegando, por fim, às traduções do próprio século XX, onde também há evidente contraste nos critérios.

O professor A. Velloso publicara anteriormente, em 1935, uma *Tradução Litteral das Odes de Horacio* nos mesmos moldes dessa sua tradução de Ovídio. Trata-se de um modelo com clara filiação a trabalhos escolares tais como as traduções de Maximiano Augusto Gonçalves (1954) e José Lodeiro (1947), e os já citados José Castagno (1931) e Sousa da Silveira (1948 [1927]): são traduções literais em que o texto original é reordenado para ficar de acordo com a ordem direta portuguesa, facilitando o cotejo com a tradução e a compreensão do texto latino pelos alunos/leitores²⁴. Por fim, a publicação mais tardia da coleção, posterior a 1963²⁵, a tradução de Hélio Gomes da Luz, apresenta estilo muito similar ao das traduções em prosa corrida de David Gomes Jardim Jr., publicadas posteriormente pela Ediouro, confirmando a preferência por traduzir os poemas narrativos antigos em prosa corrida durante o século XX. Na sua introdução (OVÍDIO, [1963?], p. 6), o tradutor dedica apenas uma frase à elucidação de seu projeto tradutório, afirmando: “ao traduzir a *Ars Amandi* [...] não tive outro propósito que o de uma simples diversão intelectual”. O diletantismo explicitado pelo tradutor manifesta-se igualmente na inexistência de notas na edição e na brevidade das duas páginas dessa introdução, dedicadas apenas a apresentar o autor como amante, confundindo *persona* poética e autor histórico.

¹⁹ Originalmente publicada em 1877 em Portugal e então publicada pela primeira vez no Brasil, essa tradução foi, já no século XXI, aproveitada pela editora Martin Claret em sua coleção “A obra-prima de cada autor”.

²⁰ Originalmente publicadas na França em 1911 pela Garnier (FERNANDES, 2017, p. 75).

²¹ Originalmente publicada em 1841 em Portugal e então publicada pela primeira vez no Brasil.

²² Originalmente publicada em 1846 em Portugal (HORACIO FLACCO, 1846), republicada na França em 1906 pela Garnier (FERNANDES, 2017, p. 76) e antes publicada no Brasil em 1948 pela W. M. Jackson. Essa mesma tradução será utilizada também pela Ediouro em sua coleção de bolso e, mais recentemente, pela Edipro (2011).

²³ A única edição bilíngue em todo o *corpus* aqui estudado.

²⁴ Com efeito, o tradutor apresenta-se como professor no *Proêmio* que antecede a tradução (p. 19): “O presente trabalho não pode estar isento de defeitos, pois foi elaborado depois da labuta diária, nos lazeres permitidos pelo magistério e pela advocacia, em horas que deviam ser consagradas ao repouso”.

²⁵ A edição não é datada, contudo, o breve prefácio do tradutor é datado de novembro de 1963.

BUP - Biblioteca Universal Popular S.A.

Essa coleção é composta por uma mistura de obras introdutórias a temas técnicos, como *O bem estar físico das crianças* ou *Capitalismo do século XX*, best-sellers internacionais, clássicos nacionais tais como o *Ateneu* de Raul Pompeia e *Poemas de amor* de Castro Alves e clássicos universais, tais como *Nosso homem em Havana*, de Graham Greene, e *A herdeira*, de Henry James. Entre esses clássicos universais, encontramos a tradução da *Arte de Amar* de Ovídio por Jamil Almansur Haddad. Em seu breve prefácio, Haddad diz algumas palavras sobre sua tradução:

A nossa tradução - em prosa em vez de versos como em Castilho, justifica-se pela necessidade de dar um Ovídio modernizado. Não somos daqueles que mantêm o tabu do caráter intocável das obras-primas [...] Esta nova edição deve pois realizar o trabalho de aproximar o poeta das massas - o que deve estar no espírito de uma coleção como a BUP. Mas anote-se que isto não é feito com qualquer espécie de concessão ao que nos versos é mensagem essencial. Longe de nós a ideia da solução parafrástica ou de adequação dos versos ovidianos a qualquer espírito estranho ao poeta. O que fizemos foi modernizar a linguagem. E só.

Dessas palavras, é fácil deduzir duas coisas: primeiro, que o tradutor importa-se sobretudo com a informação semântica do original (a *mensagem*), abrindo mão de reproduzir recursos formais com o intuito de tornar o texto de Ovídio acessível aos leitores. Segundo, que o tradutor teria trabalhado diretamente sobre o original latino em versos. Um breve cotejo desta tradução com a tradução francesa de Émile Ripert (OVIDE, 1941), invalida a segunda dedução. Um olhar superficial já revela que a divisão dos parágrafos é idêntica. Um olhar mais de perto revela um quase total paralelismo sintático e vocabular:

Si quis in hoc artem populo non novit amandi
Hoc legat et lecto carmine doctus amet.
Arte citae veloque rates remoque moventur,
Arte leves currus: arte regendus amor.²⁶

Se há quem ignore a arte de amar, que leia este poema e, havendo-o lido, ame com ciência. É graças à arte que os navios vogam rapidamente com velas e remos; é graças à arte que vão ligeiro os carros, é a arte também que deve reger o amor.

Si quelqu'un de ce peuple ignore l'art d'aimer, qu'il lise ce poème, et, l'ayant lu, qu'il aime avec science. C'est grâce à l'art que les vaisseaux voguent rapidement avec voiles et rames; c'est grâce à l'art que vont les chars légers, c'est l'art aussi qui doit régir l'amour.

As duas pequenas mudanças introduzidas por Haddad no trecho não podem ser atribuídas à fidelidade ao original, uma vez que, ao contrário, ao omitir a referência ao povo (*populo*) no primeiro

²⁶ Citamos a partir da edição de Antonio Ramírez Verger (VERGER, 2006).

verso e ao transformar “légers” (*leves*) num advérbio, “ligeiro”, ele se distancia mais do original do que Ripert. Em adição ao paralelismo sintático e lexical exemplificado acima, há no texto de Haddad erros que podem ser explicados por ambiguidades presentes no texto francês de Ripert, porém ausentes do original. Em AA. I, 7, traduzindo o francês “Moi, Vénus m’a donné pour maître au jeune amour”, Haddad nos dá o quase literal “Quanto a mim, Vênus deu-me por mestre o jovem Amor”, invertendo a relação de tutela numa tradução dificilmente explicável pelo original *Me Venus artificem tenero praecepit Amori*²⁷. Para traduzir o verso 51, *Non ego quaerentem vento dare vela jubebo*²⁸, temos “Para esta *pesquisa*, eu não te recomendarei que entregues as velas aos ventos” Onde “*pesquisa*” para traduzir *quaerentem*, está diretamente relacionado à ambiguidade do termo empregado por Ripert: “Je ne t’ordonnerai pas pour cette *recherche* d’abandonner tes voiles au vent”. Logo a seguir, Haddad traduz o verso 53, *Andromedan Perseus nigris portarit ab Indis*, por “Não importa que Perseu haja arrastado Andrômeda até o fim das Índias negras”, mais uma vez invertendo a relação original entre sujeito e objeto e filiando-se ao texto de Ripert: “Il se peut que Perssée ait enlevée Andromède au bout des Indes noires”.

Coleção Clássicos Cultrix. Editora Cultrix

Ao contrário do que ocorre na grande maioria das coleções publicadas no Brasil no século XX, esta coleção caracteriza-se por incluir apenas traduções inéditas. Sendo composta por traduções realizadas já na segunda metade do século XX, todas elas (com a única exceção da coletânea *Poesia grega e latina*, com traduções poéticas de Péricles Eugênio da Silva Ramos) caracterizam-se por ser escritas em prosa, mesmo quando a obra original é escrita em verso como nos casos da *Odisseia*, das peças incluídas na coletânea *Teatro grego*, da coletânea de *Comédias* de Plauto, traduzidas por Jaime Bruna, então professor na Universidade de São Paulo, como faz questão de anunciar a editora. O mesmo ocorre com a *Eneida* de Virgílio e a *Arte de Amar* e o poema *Contra Íbis* de Ovídio todos traduzidos em prosa por Tassilo Orpheu Spalding, “escritor (romancista, teatrólogo, cronista, ficcionista, autor de obras didáticas), ensaísta, pesquisador, produtor cultural, administrador, educador, conferencista, crítico e tradutor, [...] diplomado em Letras (1948) e em Direito (1953)”²⁹.

²⁷ Na tradução mais literal de Carlos Ascenso André (OVÍDIO, 2011, p. 263): “a mim, Vênus me designou o artesão do Amor”.

²⁸ Na tradução mais literal de Carlos Ascenso André: “*Aquele que procura*, não o mandarei soltar velas aos ventos”. Destaque nosso.

²⁹ Verçosa e Guerini (2005). Disponível em: < <https://dicionariodetradutores.ufsc.br/pt/TassiloOrpheu.htm> >. Acesso em: 20 out. 2018.

Nove dos dezesseis volumes de literatura clássica da coleção têm tradução de Jaime Bruna. Desse modo, a coleção da Cultrix prenuncia a tendência de incorporar traduções acadêmicas às coleções voltadas para o público geral que se fortaleceria sobretudo a partir da década de 1990. Apesar disso, a coleção não está isenta dos problemas comuns a essas coleções populares. À primeira vista, parece caracterizar-se por apresentar somente traduções feitas diretamente a partir do original latino ou grego, conforme anunciado na folha de rosto de quase todas as suas traduções³⁰. Também as traduções de Tassilo Orpheu Spalding são anunciadas como diretas do latim. Porém, o cotejo de sua tradução da *Eneida* com a tradução francesa de Maurice Rat (VIRGILE, 1965) revela consideráveis semelhanças:

Je chante les combats et ce héros qui, le premier, des rivages de Troie, s'en vint, banni du sort, en Italie, aux côtes de Lavinium : longtemps il fut le jouet, et sur terre et sur mer, de la puissance des dieux Supérieurs, qu'excitaient le ressentiment et le courroux de la cruelle Junon; longtemps aussi il eut à souffrir les maux de la guerre, avant de fonder une ville et de transporter ses dieux dans le Latium : de là sont sortis la race Latine, les pères Albains et les remparts de la superbe Rome.

Canto os combates e o herói que, por primeiro, fugindo do destino, veio das plagas de Troia para a Itália e para as praias de Lavínio. Longo tempo foi o brinquete, sobre a terra e sobre o mar, do poder dos deuses superiores, por causa da ira da cruel Juno; durante muito tempo, também sofreu os males da guerra, antes de fundar uma cidade e de transportar seus deuses para o Lácio: daí surgiu a raça latina e os pais albanos e as muralhas da soberba Roma.

Há constante coincidência na escolha lexical, mesmo em momentos em que o tradutor francês faz uma tradução interpretativa bastante pessoal, como em *combats* para traduzir *arma*, *de là*/"daí" para traduzir *unde* e *superbe*/"soberba" para traduzir *altae*. O tradutor brasileiro segue o texto francês até mesmo utilizando um cognato para *longtemps* (tradução do latim *multum*) e incorporando a referência a "brinquete" presente no texto francês, *jouet*, ausente entretanto do texto latino. A isso soma-se um quase completo paralelismo na ordem das palavras, coincidência pouco provável se ambos houvessem trabalhado diretamente sobre o texto latino. Acrescente-se ainda que a divisão por parágrafos (inexistente na sequência de hexâmetros do poema original) é idêntica ao longo dos livros e, por fim, o texto das notas é frequentemente muito similar:

Ville du Latium, capital des Laurentes dont il ne subsistait, à l'époque de Virgile, que des vestiges. C'est aujourd'hui Prattica di Mare, à mi-chemin entre Ostie et Antium, à 24 kilomètres au sud-ouest de Rome et à 4 kilomètres de la mer. Cf. J. Carcopino, *Virgile et les origines d'Ostie*. (VIRGILE, 1965, p. 281).

Cidade do Lácio, capital dos laurentinos, fundada por Eneias. O nome deriva de Lavínia, esposa de Eneias e filha de Latino. No tempo de Virgílio somente havia vestígios da antiga Lavínio. É, hodiernamente, Prattica di Mare, a meio caminho entre Óstia e Âncio, vinte e quatro quilômetros a sudoeste de Roma e quatro quilômetros distante do mar. Cf. J. Carcopino, *Virgile et les origines d'Ostie*.

³⁰ Apenas na tradução do tratado *Das Leis* de Cícero por Otávio T. de Brito não aparece o anúncio de tradução direta.

(VIRGÍLIO, 2008 [1980], p. 269).

Com exceção do acréscimo de “fundada por Eneias. O nome deriva de Lavínia, esposa de Eneias e filha de Latino”, a nota da edição brasileira é tradução literal da nota da edição francesa. Spalding é autor de um *Guia prático da tradução de latim*, de um *Pequeno dicionário de literatura latina* e de um *Dicionário de mitologia latina* (1972), o que sugere que teria, de fato, algum conhecimento de língua, literatura e mitologia latina. Entretanto, a leitura do texto original é mais densa justamente por sua sintaxe sintética, que torna a ordem das palavras muito mais livre do que em português ou francês, e por suas figuras de linguagem, como metáforas e metonímias, que precisam ser decodificadas pelo leitor/tradutor. Trabalhar sobre o texto francês ordenado segundo a ordem direta da conservadora sintaxe francesa e com as interpretações do tradutor já incorporadas à sua tradução em prosa corrida torna o processo de tradução muito mais fácil e rápido.

Coleção Clássicos de Bolso/Coleção Universidade. Ediouro.

Publicada entre as décadas de 1960 e 1990, essa é provavelmente a coleção com maior número de obras clássicas greco-latinas publicada no Brasil. Se deixarmos de lado as traduções cedidas por outras editoras, as traduções indiretas e as antigas traduções portuguesas, a coleção oferece poucas novidades. Há um volume com traduções em prosa de duas comédias gregas, de Aristófanes e Menandro, e as *Meditações* de Marco Aurélio por Mário da Gama Kury, que será um dos mais profícuos tradutores de literatura grega na parte final do século XX (DUARTE, 2016, p. 52), sendo reeditado ainda hoje pela Zahar. Outra novidade é Fernando C. de Araújo Gomes, tradutor dos dois poemas homéricos “em forma de narrativa” (isto é, em prosa corrida), sobre o qual, entretanto, não encontramos nenhuma outra informação³¹. No âmbito da literatura latina, temos a tradução inédita dos *Anais* de Tácito pelo literato mineiro Leopoldo da Silva Pereira e as traduções do também mineiro David Gomes Jardim Jr., que aparece tanto como tradutor de literatura grega³², quanto como tradutor de literatura latina³³. Natural de Belo Horizonte, nascido em 1908 e falecido em 2007 aos 99 anos³⁴, era formado em direito (SILVA. 2004, p. 12) e aparece como mais profícuo tradutor de literatura clássica na coleção, sendo, até onde pudemos constatar, o único a ter traduzido integralmente para a língua portuguesa a *Eneida* e as *Metamorfoses*, os dois grandes épicos latinos do período augustano.

³¹ Não encontramos nenhuma informação sobre o tradutor. Ao buscar por seu nome no *google* encontramos apenas resultados relacionados a essas duas traduções.

³² A *Poética* de Aristóteles, *Sobre o sublime* de Longino, *Lisístrata* de Aristófanes e a *Trilogia de Orestes* de Ésquilo.

³³ A *Eneida* de Virgílio, as *Metamorfoses* e a *Arte de amar* de Ovídio e *Arte poética* de Horácio.

³⁴ Conforme informado no site de genealogias *Nossa gente*. Disponível em: < <https://www.nggenealogia.com.br/tree/individual.php?pid=I2339&ged=php.ged> >. Acesso em: 17 out. 2018.

Em nossas buscas por informações a respeito do seu trabalho tradutório, encontramos informações em apenas duas fontes. A primeira delas é o catálogo da própria coleção da Ediouro (presente nas páginas finais de algumas de suas edições). Nesses catálogos, além das traduções de clássicos gregos e latinos, são atribuídas a David Jardim Jr. traduções de obras originalmente escritas em mais seis idiomas diferentes e distantes entre si: sânscrito (*A essência do Baghavad Gita, dos Upanishades e outras escrituras hindus*), hebraico antigo (*Eclesiastes*), grego koiné (o *Evangelho segundo São João* e os *Atos dos Apóstolos*), chinês antigo (seleções das obras fundamentais do taoísmo, os livros de Laozi e Chuangzi), persa medieval (seleção do longo poema *Masnavi*, do poeta sufi Rumi) e árabe medieval (seleção de trechos do *Alcorão*). A ele é ainda atribuída a autoria de obras diversas como um *Dicionário de expressões em latim usadas no Brasil*, um *Dicionário de ouro de política*, um *Dicionário de ouro italiano-português, português-italiano* e uma *História de bolso da filosofia*. A segunda fonte é o prefácio de uma coletânea de seus poemas, que traz o seguinte parágrafo a respeito de seu trabalho como tradutor:

David Gomes Jardim Júnior, lança [sic] agora este seu primeiro livro de poemas. Tradutor, experiente e reconhecido, é profundo conhecedor da literatura ocidental em prosa e verso, em diversas línguas, tendo traduzido obras do alemão, do espanhol, do inglês, do italiano e do francês. Traduziu diretamente do latim a “Eneida” de Virgílio e “A Arte de Amar”, de Ovídio (Edições de Ouro, Rio de Janeiro - 1967 e 1969), e ainda “Viagem de Canoa de Sabará a Morro Velho” e Viagem de Canoa, de Sabará [sic] ao Oceano Atlântico” de Richard Burton (Livraria Itatiaia Editora Ltda./Editora da Universidade de São Paulo/1976. Traduziu também literatura infantil como “Pinóchio”, clássico italiano de Collodi e muitas outras traduções para a Edições de Ouro. (SILVA, 2004, p. 11).

Silva, portanto, ainda acrescenta cinco idiomas àquela lista já longa, de modo que chegamos à soma de treze idiomas a partir dos quais David Jardim Jr. teria traduzido. Porém, quer na lista informada pelo próprio Silva, quer no catálogo da Ediouro, não encontramos entre suas traduções qualquer obra escrita originalmente em alemão, espanhol ou francês. Embora não haja nenhuma indicação da editora a respeito, os dados acima nos fazem pensar na hipótese de que pelo menos algumas daquelas obras no catálogo da Ediouro sejam traduções indiretas partir dos idiomas informados por Silva (2004).

O prefácio de sua tradução da *Arte de Amar*, escrito por José Perez, é, sem que isso seja informado, aproveitado da edição das traduções de Ovídio por Feliciano de Castilho publicada pela Cultura em 1943. Os elementos pré-textuais de sua tradução das *Metamorfoses* limitam-se a uma nota biográfica de Ovídio e um resumo da obra retirados de um dicionário de literatura. Os volumes *Crítica e teoria literária na Antiguidade* (1989), *Lisístrata/As Nuvens* (1988) e *Trilogia de Orestes* (1988) utilizam à guisa de introdução um breve texto de Assis Brasil (1857-1938). Por fim, na “ligeira explicação” que antepõe a sua tradução da *Eneida*, encontramos palavras do tradutor. A nota torna

explícito que se trata de tradução direta, informa a edição de base da tradução (algo pouco comum nessas coleções), e também informa o caráter geral da tradução e alguns procedimentos específicos que foram adotados:

Como, infelizmente, é cada vez menor o número de pessoas em condições de ler a *Eneida* no original, justifica-se plenamente uma versão brasileira do poema, despretensiosa mas fiel. A que existe, de Manoel Odorico Mendes, foi escrita em um português cuja leitura não é muito mais fácil que a do próprio latim.

Foi isto que se procurou fazer, utilizando-se o texto e as concisas, mas preciosas, notas de E. Benoist, edição de 1915³⁵, revista por M. Duvau, e o *Novíssimo Dicionário Latino-Português* de F. R. dos Santos Saraiva, 4ª edição [...] A tradução foi feita tão literalmente quanto possível. Sempre que foi prático e aconselhável, justificou-se, em notas marginais, o desvio do texto. Foram suprimidos alguns adjetivos oriundos mais das imposições da métrica que da rigorosa necessidade de qualificação, e quando seu emprego em português se mostrava discutível ou mesmo inconveniente. A tradução também não foi rigorosa, como é bem compreensível, em muitos casos de metonímia (Baco em vez de vinho, Ceres em vez de trigo ou pão, etc.). (JARDIM JR., 1967, p. 17-18).

A tradução opõe-se, portanto, à de Odorico Mendes e o próprio tradutor a apresenta como “despretensiosa”. O autor se refere certamente à ausência de pretensões literárias. Com efeito, na busca de tornar o texto facilmente acessível ao leitor, o tradutor evita sistematicamente palavras pouco conhecidas e resolve as figuras retóricas, como metonímias e metáforas, incorporando suas interpretações diretamente ao texto da tradução de modo similar ao que já fizera, por exemplo, G. D. Leoni em sua tradução da *Odisseia* e Hélio Gomes da Luz em sua tradução da *Arte de amar*.

Podemos extrair de Aristóteles (*Poética* 1458a) uma consideração sobre elementos do estilo dos textos antigos que importaria transpor numa tradução literária:

Qualidade essencial da elocução é a clareza sem baixeza. Claríssima, mas baixa, é a linguagem constituída por vocábulos correntes [...]. Pelo contrário, é elevada a poesia que usa de vocábulos peregrinos e se afasta da linguagem vulgar. Por vocábulos “peregrinos” entendo as palavras estrangeiras, metafóricas, alongadas e, em geral, todas as que não sejam de uso corrente. (tradução de Eudoro de Souza, 1991, p. 221-222).

É baseado numa tal consideração que Vasconcellos (2011, p. 69-70), fazendo uma breve avaliação dessa forma de traduzir os clássicos que havia se tornado predominante no Brasil, pode dizer:

Em princípio, nada tenho contra essa postura, que se poderia chamar “didática”, desde que esteja consciente de seus pressupostos e limites e desde que, em sua defesa, não se use como justificativa uma fidelidade ao sentido que, independentemente dos aspectos propriamente literários, não possui. [...] Não se é fiel ao sentido da letra do texto ao apresentar-se ao leitor uma interpretação banal da expressão densa e marcada do original [...] Traduções supostamente fiéis ao sentido muitas vezes

³⁵ A edição original é de 1876 (BENOIST, 1876).

aparam tudo o que o original possa ter de especioso; o novo texto oferece uma interpretação esclarecedora, em vez de criar um equivalente tão impreciso, obscuro, difícil quanto o original.

Coleção Os Pensadores. Editora Abril / Nova Cultural / Victor Civita.

Publicada a partir da década de 1970 (DUARTE, 2016, p. 55), a coleção Os Pensadores dedica seus cinco primeiros volumes à filosofia grega, dos pré-socráticos a Aristóteles, e seu sexto volume à filosofia latina da era pagã. Predominantemente constituída por traduções cedidas por outras editoras, a coleção não oferece novidades. Duarte (2016, p. 55) refere que as traduções de diálogos platônicos por José Cavalcante de Souza e Gilda Reale Starzynski incluídas no volume dedicado a Platão são os primeiros produtos editoriais oriundos de trabalhos acadêmicos de pós-graduação, realizadas no início da década de 1960 e originalmente publicados pela Difusão Europeia do Livro (DIFEL). A coleção não está isenta de traduções indiretas de obras gregas³⁶, porém, no volume dedicado à filosofia latina traz exclusivamente traduções apresentadas como feitas diretamente do latim: traduções de Agostinho da Silva, Amador Cisneiros, G. D. Leoni e Jaime Bruna, anteriormente publicadas pelas editoras Globo, Atena e Cultrix. Também é de notar que a tradução do poema de Lucrécio em prosa é sintomática de uma coleção cujo foco está no conteúdo filosófico da obra e não no seu conteúdo estético.

Em outras coleções, a editora publicou, sempre sob licença de outras editoras, traduções de obras literárias: a *Odisseia* (1978) em tradução de Antônio Pinto de Carvalho a partir de tradução francesa de Médéric Dufour e Jeanne Raison, publicada pela Garnier Frères (originalmente publicada no Brasil pela Difusão Europeia do Livro em 1960), a *Arte de Amar* e *Contra Íbis* de Ovídio e a *Eneida* de Virgílio em tradução de Tassilo Orpheu Spalding originalmente publicadas pela Cultrix e, por fim, a tradução do *Satíricon* de Petrónio por Marcos Santarrita, a partir da tradução francesa de Charles Héguin de Guerle (1861)³⁷.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

³⁶ O volume dedicado a Sócrates traz as traduções dos *Ditos e feitos memoráveis de Sócrates* e da *Apologia de Sócrates*, de Xenofonte, feitas a partir da versão francesa de Eugène Talbot por Libero Rangel de Andrade; nos volumes dedicados a Aristóteles, temos as traduções dos *Tópicos*, *Dos argumentos sofísticos* e da *Ética a Nicômaco* feitas por Leonel Vallandro e Gerd Bornheim através das versões inglesas de W.A. Pickard e W. D. Ross conforme a própria editora informa. Neste último caso, é curioso lembrar que o mesmo Gerd Bornheim organizou e traduziu diretamente do grego, segundo ele mesmo informa (BORNHEIM, 1967, p. 17), os fragmentos e doxografias dos filósofos pré-socráticos pela Cultrix.

³⁷ Bottmann (2009).

Além dos movimentados bastidores de negociações de direitos de traduções cedidas, vendidas ou emprestadas entre diversas editoras, o olhar panorâmico sobre essas coleções revela dois aspectos marcantes: o recorrente uso de traduções antigas, em domínio público, e o uso de traduções indiretas, quase sempre a partir de tradução francesa, eventualmente a partir de tradução inglesa. Fernandes (2017, p. 49) lista apenas cinco traduções de literatura latina “marcadas como traduções indiretas” publicadas no Brasil entre 1808 e 2014, sendo que dessas cinco, três são feitas a partir de tradução francesa. A própria Fernandes (2017, p. 49) avalia que “mais obras entre as catalogadas devem ser traduções indiretas, pois essa informação muitas vezes não é explicitada nas edições de textos traduzidos”. Este breve estudo confirma a hipótese da autora acrescentando pelo menos três traduções a essa lista³⁸. Confirma também “que há uma preferência pela língua francesa como língua intermediária” (FERNANDES, 2017, p. 50). A esse uso de traduções francesas como fonte exclusiva da tradução acrescenta-se que tradutores que trabalham diretamente com o texto latino frequentemente utilizam outras traduções como apoio: os dois registros que encontramos referenciam justamente traduções francesas: Paes (1997, p. 9) refere que teve como guia a tradução de Émile Ripert, já o português Coelho (1972, p. 15) esclarece que apoiou-se na tradução de Bornecque. A hipótese de Fernandes (2017, p. 49) sobre as traduções indiretas não referenciadas aplica-se também a esse uso de traduções francesas como apoio: é provável que haja outros trabalhos em que o tradutor recorreu a textos franceses em conjunto com o texto original, uma vez que haveria aqui os mesmos motivos para se omitir o recurso a outras traduções como fonte. Seguindo as diretrizes de seu estudo, Fernandes (2017) avalia essa preferência por traduções francesas enquanto resultado da influência que a literatura francesa exerceu sobre escritores brasileiros. De fato, podemos recuar a ascendência da literatura francesa sobre os escritores de língua portuguesa ao século XVIII³⁹, período justamente marcado pela retomada da influência clássica. O efeito desse influxo simultâneo da retomada dos clássicos greco-latinos e da influência da literatura francesa sobre autores portugueses pode ser pressentido na estética antibarroca da poética árcade e na inadvertida associação dos clássicos greco-latinos a essa estética da clareza e da ordem, algo que merece estudo à parte. As palavras de Souza (1950, p. X) são suficientes para dar uma ideia da linha pela qual a tradução francesa é tomada como modelo de tradução dos clássicos no século XX e da direção que essa influência imprimiu à tradução de literatura greco-latina para a língua portuguesa:

Enquanto nosso patricio Odorico Mendes assim se exauria para redigir aqueles imortais poemas em versos rudes, pesados, inteiramente destituídos de musicalidade,

³⁸ Nos referimos às traduções de Corah O. Roland, Jamil Almansur Haddad e Tassilo Orpheu Spalding.

³⁹ Nos dois períodos precedentes, renascimento e barroco, a influência predominante era italiana.

Leconte, exímio poeta francês, traduzia a obra de Homero em magnífica prosa, dúctil, fluente, cantante, que transmite a quem lê impressão muito próxima da que produzia o texto grego dos hexâmetros. Tais considerações justificam, à saciedade, a preferência dada, na elaboração do presente volume, às traduções em prosa [...]

A oposição às traduções de Odorico Mendes, desde pelo menos as acerbicas críticas de Sílvio Romero (1953 [1888], p. 794-800) tornou-se uma espécie de lugar-comum nos paratextos dos tradutores do século XX⁴⁰. Romero (1953, p. 800) encerra sua exposição do trabalho tradutório de Odorico Mendes com uma exortação: “Sirva-nos o exemplo e evitemo-lo”. Aparentemente, os tradutores brasileiros de poesia clássica no século XX atenderam a tal exortação: em notável contraste com as traduções oitocentistas então republicadas⁴¹ e com a única exceção das traduções dos poemas homéricos por Carlos Alberto Nunes, todas as traduções de poemas narrativos feitas no século XX, diretas ou indiretas, e publicadas nas coleções aqui estudadas são lavradas em prosa.

E mesmo no caso de Carlos Alberto Nunes, as duas editoras que publicaram suas traduções, Atena e Ediouro, não se furtaram a publicar traduções em prosa dos mesmos poemas na mesma coleção, sendo estes os únicos casos em que vemos mais de uma tradução de uma mesma obra numa mesma coleção. Como vimos nas palavras de Souza (1950, p. X), a influência das traduções francesas e a tendência a traduzir em prosa que dominou a segunda metade do século XX estão correlacionadas. Trevizam (2002, p. 255) considera o uso de “soluções bastante interpretativas (isto é, distanciadas da letra do texto ovidiano)” como índice do uso de uma tradução intermediária francesa. Vasconcellos (2011, p. 69), por sua vez, usa palavras semelhantes para caracterizar de modo geral traduções brasileiras de literatura clássica:

Tenho a impressão de que, por vício da tarefa ancestral de explicação dos textos, tendemos por vezes a traduzir escolhendo palavras e expressões que acabam criando como que uma versão simplificadora de tudo o que o original possa ter de difícil, enigmático, impreciso, vago. Nesse tipo de tradução, parece que a preocupação central é aparar qualquer aresta do texto, propondo ao leitor algo fluente e fácil, de compreensão mais imediata.

Tendo em vista o que observamos acima, tendemos a pensar que a semelhança entre as palavras com que Trevizam (2002, p. 255) caracteriza a tradução indireta e as palavras com que Vasconcellos (2011, p. 69) caracteriza grande parte das traduções brasileiras recentes de literatura

⁴⁰ Mesmo Campos (1991-92, p. 144), um dos mais destacados defensores das traduções de Odorico Mendes, ao traduzir a *Ilíada*, apresenta sua opção pelo dodecassílabo como uma oposição ao decassílabo que teria obrigado o tradutor maranhense a “prodígios de compressão semântica”.

⁴¹ As traduções oitocentistas são sempre em versos, quase sempre decassílabos brancos, com poucas exceções como as traduções da *Arte de Amar* em alexandrinos com rimas paralelas e dos *Amores* em metros variados por Antônio Feliciano de Castilho.

latina não é mera coincidência. Antes, seriam índices de um estado consumado daquela influência francesa.

A constante influência francesa nos estudos clássicos no Brasil é o dado que sobressai no presente estudo. Todavia, cabe também salientar como a observação direta das traduções pode refinar as informações fornecidas por trabalhos panorâmicos tais como Fernandes (2017), em que o uso de fontes secundárias é incontornável. O mesmo vale para a divisão inicial que Duarte (2016, p. 44) propõe para essa história em três eras: a era dos patriarcas, a era dos diletantes e a era dos doutores. O escopo do presente artigo é delimitado especificamente pela era dos diletantes e, dentro deste escopo, a observação direta das traduções nos leva a dividir os tradutores/traduções em dois subgrupos: os poetas (Carlos Alberto Nunes, Péricles Eugênio da Silva Ramos e José Paulo Paes, que fazem traduções em versos) e outros profissionais (geralmente advogados, como Mário da Gama Kury, Tassilo Orpheu Spalding e David Gomes Jardim Jr., que fazem traduções em prosa⁴²). Mesmo no interior do subgrupo das traduções em prosa há variedade: a par de traduções como as de Hélio Gomes da Luz, David Gomes Jardim Jr., e Tassilo Orpheu Spalding (escritas em linguagem quase técnica, de estilo neutro) há traduções que seguem determinados estilos literários, como a tradução da *Odisseia* por Fernando C. de Araújo Gomes⁴³, que toma a forma de um romance de aventuras em estilo infanto-juvenil, a *Odisseia* traduzida e apresentada por G. D. Leoni⁴⁴ como um romance com títulos para cada “capítulo”, ou as traduções de tragédias e comédias gregas por Mário da Gama Kury. Porém, mais do que meramente descrever e propor uma interpretação do que já foi feito, evitando que os dados concretos se percam na distância temporal, espera-se que o estudo da história da tradução dos clássicos para a língua portuguesa tenha um papel produtivo nas discussões atuais acerca das traduções e retraduições desses mesmos clássicos. A compreensão de como chegamos ao cenário atual é importante para entender a origem de hábitos tradutórios arraigados, para desmistificar certas premissas que são, por vezes, tomadas como pedras de toque absolutas para a avaliação de novas traduções e, quiçá, para apontar vias que permanecem inexploradas e que poderiam merecer a atenção dos novos tradutores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

⁴² Essa presença de pessoas formadas em direito entre os tradutores de literatura latina nesse momento específico da história da tradução dos clássicos para a língua portuguesa se deve, certamente, à circunstância de que o ensino de latim iniciado nas escolas tinha continuidade no ensino superior apenas nos cursos de letras e direito.

⁴³ Publicada pela Ediouro.

⁴⁴ Publicada pela editora Atena em 1960.

- ACCÁCIO, M. A. Tradução indireta: uma prática de divulgação e enriquecimento cultural. *Tradterm*, [s.l.], v. 16, p. 97-117, jun. 2010.
- ARISTÓTELES. *Poética*. Tradução, comentários e índices analítico e onomástico de Eudoro de Souza. São Paulo: Nova Cultural, 1991.
- BENOIST, E. P. *Virgilii Maronis Opera*. Texte latin publié d'après les travaux les plus récents de la philologie avec un commentaire critique et explicatif, une introduction et une notice, par E. Benoist. Paris: Hachette et cie, 1876.
- BORNHEIM, G. A. Advertência sobre a presente edição. In: BORNHEIM, G. A. (org.). *Os filósofos pré-socráticos*. São Paulo: Cultrix, 1967, p. 17-18.
- BOTTMANN, D. Sobre embasquetas, taças comuns e costelas (Satírico II). *Não gosto de plágio*, 2009. Disponível em: < <https://naogostodeplagio.blogspot.com/2009/10/sobre-embasquetas-tacas-comuns-e.html> >. Acesso em : 12 nov. 2018.
- BOTTMANN, D. Coleção poeira. *Não gosto de plágio*, 2010. Disponível em: < <https://naogostodeplagio.blogspot.com/2010/12/colecao-poeira.html> >. Acesso em: 12 nov. 2018.
- CAMPOS, H. de. Para transcriar a Ilíada. *Revista USP*, 12, p. 143-161, dez.-jan.-fev. 1991-92.
- CASTAGNO, J. *Eneida de Públio Vergílio Maro (livros IV, V e VI): texto latino e tradução literal*. Escolas profissionais salesianas, 1931.
- COELHO, A. B. Prefácio. In: OVÍDIO. *A arte de amar*. Tradução de António Borges Coelho. Lisboa: Editorial Presença, 1972.
- DUARTE, A. da S. Por uma história da tradução dos clássicos greco-latinos no Brasil. *Translatio*, n. 12. Porto Alegre, pp. 43-62, 2016.
- ESTEVES, N. *Fábulas de Fedro: significado e tradução juxtalinear*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1945.
- FEIJÓ, J. M .M. Orthographia; ou, Arte de escrever, e pronunciar com acerto a lingua portugueza. Lisboa: Impressão Régia, 1984. Disponível em: < <https://books.google.com.br/books?id=SoYSAAAIAAJ> >. Acesso em: 16 out. 2018.
- FERNANDES, T. (2017). *A Literatura Latina no Brasil: uma história de traduções*. Florianópolis. 205 f. Tese submetida ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina.
- GONÇALVES, M. A. *Tradução dos autores do programa de latim*. 3ª ed. Rio de Janeiro: H. Antunes, 1954.
- LEONI, G. D. Introdução. In: HOMERO. *Odisseia*. Rio de Janeiro: Atena, 1960.

- LODEIRO, J. *Traduções dos textos latinos*. Para uso nos ginásios, colégios e seminários. Contém na mesma página: a ordem inversa e a ordem direta, a tradução literal e numerosas anotações. Rio de Janeiro: Globo, 1947.
- OLIVA NETO, J. A. Breve anatomia de um clássico. In: VIRGÍLIO. *Eneida*. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Organização, apresentação e notas de João Angelo Oliva Neto. São Paulo: Editora 34, 2014.
- OVIDE. *Les amours*. Suivis de L'art d'aimer, Les remèdes d'amour et De la manière de soigner le visage féminin. Traduction nouvelle, introduction, notes et texte établis par Émile Ripert. Paris: Garnier, 1941.
- OVIDE. *L'Art d'aimer*. Suivi de les remèdes a l'amour et Les Produits de beauté pour le visage de la femme. Traduction de Henri Bornecque. Paris: Le livre de poche, 1963.
- OVÍDIO. *Amores & Arte de amar*. Tradução, introdução e notas de Carlos Ascenso André. São Paulo: Penguin/Companhia, 2011.
- OVÍDIO. *Arte de Amar*. Tradução de Corah O. Roland. São Paulo: Editorial Paulista, 1935.
- OVÍDIO. *Arte de Amar*. Tradução de Hélio Gomes da Luz. Belo Horizonte: Organização Simões, 1963.
- OVÍDIO. *Arte de Amar*. Tradução de Jamil Almansur Haddad. Rio de Janeiro: Biblioteca Universal Popular, 1964.
- OVÍDIO. *Arte de Amar*. Tradução de David Jardim Júnior. Rio de Janeiro: Ediouro, 1979.
- PAES, J. P. Nota liminar. In: OVÍDIO. *Poemas da carne e do exílio*. Tradução de José Paulo Paes. São Paulo: Companhia das letras, 1997.
- ROMERO, S. *História da literatura brasileira*. Tomo terceiro: transição e romantismo. 5ª ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1953.
- SILVA, J. F. de A. À guisa de prefácio. In: JARDIM JÚNIOR, D. G. *Velhos cadernos*. Belo Horizonte: CECOM, 2004, p. 11-13.
- SILVEIRA, S. da. *Algumas fábulas de Fedro*. Com tradução Literal, notas visando ao Português, e Vocabulário por Alvaro Ferdinando de Sousa da Silveira Docente de Português da Escola Normal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Agir, 1948.
- SOMMER, M.; DESPORTES, M. A. *Les auteurs latins expliqués d'après une méthode nouvelle par deux traductions françaises*: l'une littérale et juxtalinéaire présentant le mot à mot français en regard des mots latins correspondants, l'autre correcte et précédée du texte latin, avec des sommaires et des notes par une société de professeurs et de latinistes. Virgile. Livres I, II et III de l'Enéide. Paris: Librairie Hachette, 1853.

SOUZA, J. B. M. Prefácio. In: *Teatro grego*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson editores, 1950, p. V-XIII.

TREVIZAM, M. A arte de amar. *Letras Clássicas*, São Paulo, n. 6, p. 253-256, 2002.

VASCONCELLOS, P. S. A tradução poética e os estudos clássicos no Brasil hoje: algumas considerações. *Scientia Traductionis*, São Paulo, n.10, pp. 68-78. 2011.

VERGER, A. R. *Ovidii Nasonis Carmina Amatoria*. Edidit A. Ramirez de Verger. Müncheb und Leipzig: Teubner, 2006.

APÊNDICE - TABELAS DE TRADUÇÕES DE LITERATURA CLÁSSICA GRECO-LATINA PUBLICADAS POR COLEÇÕES POPULARES NO BRASIL NO SÉCULO XX

Tabela 1 - Clássicos Jackson. W. M. Jackson.

TÍTULO	OBRAS INCLUÍDAS	AUTOR	TRADUTOR	ANO ⁴⁵
Sátiras - Os fastos	Sátiras	Horácio	Antônio Luís Seabra ⁴⁶	1948
	Os fastos	Ovídio	Antônio Feliciano de Castilho	
Geórgicas - Eneida	Geórgicas	Virgílio		Manuel Odorico Mendes
	Eneida			
Teatro grego	Prometeu acorrentado	Ésquilo	[J. B. de Mello e Souza]	1950
	Rei Édipo	Sófocles		
	Antígone			
	Alceste	Eurípides		
	Electra			
	Hipólito			

AUTOR	OBRA	TRADUTOR	ANO
--------------	-------------	-----------------	------------

⁴⁵ Fornecemos a data mais antiga que conseguimos atestar. Quando não houver alguma indicação de fonte secundária, entenda-se que atestamos as datas por observação direta de exemplares das edições encontrados sobretudo no acervo das bibliotecas da Universidade de São Paulo, das bibliotecas municipais de São Paulo e no acervo pessoal do autor. Em alguns casos também recorreremos ao ano de edição informado pelos vendedores no site da Estante Virtual, disponível em : < <https://www.estantevirtual.com.br/> >. Acesso em: 14 nov. 2018.

⁴⁶ Inicialmente publicada em Portugal, essa tradução tem grande fortuna editorial no Brasil: além da W. M. Jackson, a Organização Simões, a Ediouro e, mais recentemente, a Edipro (2011) a reeditaram.

⁴⁷ É o que nos informa o organizador do volume em seu prefácio (SOUZA, 1950, p. X).

Cícero	<i>Orações</i>	Pe. Antônio Joaquim ⁴⁸	1948
Tácito	<i>Anais</i>	José Liberato Freire de Carvalho	1957
Homero	<i>Ilíada</i>	Manuel Odorico Mendes	1952
Xenofonte	<i>Ciropédia</i>	João Félix Pereira	1948
Heródoto	<i>Histórias</i>	Brito Broca ⁴⁹	1950

Tabela 2 - Biblioteca Clássica/Clássicos Atena/Obras Imortais. Editora Atena⁵⁰.

AUTOR	OBRA	TRADUTOR	ANO
Aristóteles	<i>Ética</i>	Cássio M. Fonseca	1944
	<i>A política</i>	Nestor Silveira Chaves ⁵¹	1955
Demóstenes	<i>Oração da coroa</i>	Adelino Capistrano	1946
Homero	<i>Ilíada</i>	Carlos Alberto Nunes ⁵²	Após 1945 ⁵³
	<i>Odisseia</i>		1941
	<i>Ilíada</i>	Odorico Mendes	
	<i>Odisseia</i>		1955
	<i>Odisseia</i>	G. D. Leoni e Neyde	1960

⁴⁸ Inicialmente publicada em 1807 em Portugal, essa tradução tem grande fortuna editorial no Brasil. Sua primeira edição brasileira parece ocorrer em 1942 na coleção “Mestres do pensamento” organizada por José Perez para a editora Cultura. Posteriormente, foi aproveitada pela W. M. Jackson, pela Atena, pela Ediouro e, mais recentemente, pela Edipro (2005).

⁴⁹ Tradução indireta, feita a partir da versão francesa setecentista de Pierre Henri Larcher (1726-1812).

⁵⁰ Coleções coordenadas por Giulio Davide Leoni e Paulo Borges Teixeira.

⁵¹ Republicada pela Ediouro (1982), pela Escala ([199?], 2006) e pela Edipro (1995, 2008 e 2018).

⁵² As traduções de Carlos Alberto Nunes foram várias vezes reeditadas por várias editoras. Os poemas de Homero foram republicados por Ediouro, Nova fronteira, Saraiva de bolso e Hedra. Já a *Eneida* de Virgílio foi recentemente reeditada pela editora 34.

⁵³ Oliva neto (2014, p 35): “Muito tenho pelejado para determinar a data da primeira edição da *Ilíada* e a da *Odisseia*, de Carlos Alberto Nunes: na edição sem data da *Ilíada* da editora Atena diz o tradutor em ‘Nota’ (p. 445): ‘Esta tradução da *Ilíada* foi escrita de acordo com a reforma ortográfica luso-brasileira consubstanciada nas norma do *Vocabulário* da Academia das Ciências de Lisboa. [...] Eis porque se corrigiram, agora, alguns nomes que figuram com diferente grafia na tradução da *Odisseia*, publicada em 1941, nesta mesma coleção, e que, para a uniformidade dos textos, serão também alterados nas edições subsequentes daquela obra’. Estabelece-se, assim, o ano de 1941 para a primeira edição da *Odisseia*. A ‘reforma’ a que se refere Carlos Alberto Nunes deve ser o acordo ortográfico de 1945 [...]”.

		Ramos de Assis	
Platão	<i>Apologia de Sócrates</i>	Maria Lacerda de Moura ⁵⁴	1954
	<i>A República</i>	Albertino Pinheiro	1946
	<i>O Banquete</i>	Albertino Pinheiro	1943
	<i>Fédon</i>	Miguel Ruas	1949
	<i>Leis</i>	Albertino Pinheiro	
Plotino	<i>Do amor</i>	Albertino Pinheiro	1956 ⁵⁵
Plutarco	<i>Alexandre e César: vidas comparadas</i>	Hélio Vega ⁵⁶	1949
	<i>Demóstenes e Cícero</i>	Sady-Garibaldi	1956 ⁵⁷
Cícero	<i>Tratado dos deveres</i>	Nestor Silveira Chaves ⁵⁸	[1937?]
	<i>Orações</i>	Padre Antônio Joaquim	1950
	<i>Da República</i>	Amador Cisneiros ⁵⁹	1956
Petrônio	<i>Satíricon</i>	Miguel Ruas ⁶⁰	1949
Sêneca	<i>Obras</i>	G. D. Leoni	1955
Suetônio	<i>A vida dos doze Césares</i>	Sady Garibaldi	1937
Tácito	<i>Histórias</i>	Berenice Xavier	1937
Virgílio	<i>Eneida</i>	Odorico Mendes	1956

Tabela 3 - Coleção Clássica. Organização Simões.

⁵⁴ Posteriormente republicada pela Ediouro.

⁵⁵ Trata-se da 3ª edição.

⁵⁶ Publicada também pela Ediouro e, mais recentemente pela Escala ([201?]).

⁵⁷ Data da terceira edição.

⁵⁸ Fernandes (2017, p. 49) informa que trata-se de tradução indireta a partir do francês. É também Fernandes (2017, p. 125) que apresenta o ano de 1937 como possível ano de publicação dessa tradução.

⁵⁹ Também publicada pela Ediouro, pela Abri cultura e, mais recentemente, pela Edipro (2011).

⁶⁰ Tradução recentemente republicada pela ed. Escala ([20??]).

AUTOR	TÍTULO	TRADUTOR	ANO
Demóstenes	<i>Oração da coroa</i>	José Maria Latino Coelho ⁶¹	1951
Cícero	<i>Tratados Da Amizade, Sonho de Cipião e Paradoxas</i>	Duarte de Resende	1952
Ovídio	<i>Metamorfoses</i>	Antônio Feliciano de Castilho	1959
Horácio	<i>Sátiras</i>	Antônio Luís Seabra	1953
Ovídio	<i>Tristium</i>	Augusto Velloso	1952
Ovídio	<i>Arte de Amar</i>	Hélio Gomes da Luz	[1963?] ⁶²

Tabela 4 - Clássicos Cultrix. Cultrix.

TÍTULO	OBRAS INCLUÍDAS	AUTOR	TRADUTOR	ANO
Teatro grego	<i>Prometeu acorrentado</i>	Ésquilo	Jaime Bruna	1964
	<i>Édipo rei</i>	Sófocles		
	<i>Medeia</i>	Eurípides		
	<i>As nuvens</i>	Aristófanes		
A poética clássica	<i>Poética</i>	Aristóteles		1981
	<i>Arte poética</i>	Horácio		
	<i>Do sublime</i>	Longino		
Eloquência grega e latina	<i>Oração fúnebre de Péricles</i>	Tucídides		1968
	<i>Contra Eratóstenes</i>	Lísias		

⁶¹ Publicada também pela editora Martin Claret (2006).⁶² O prefácio do tradutor é datado de novembro de 1963.

	<i>Sobre a paz</i>	Isócrates		
	<i>Areopagítico</i>			
	<i>Contra Ctesifonte</i>	Ésquines		
	<i>Oração da coroa</i>	Demóstenes		
	<i>Arenga do cônsul Marco Emílio Lépidio</i>	Salústio		
	<i>Defesa de Árquias</i>	Cícero		
	<i>Filípica segunda</i>			
<i>Comédias</i>	<i>O cabo</i>	Plauto		1978
	<i>Caruncho</i>			
	<i>Os Menecmos</i>			
	<i>Os prisioneiros</i>			
	<i>O soldado fanfarrão</i>			
<i>Diálogos</i>	<i>Defesa de Sócrates</i>	Platão		1957
	<i>Banquete</i>			
	<i>Êutifron</i>			
	<i>Critão</i>			
	<i>Fédon</i>			
<i>Poesia grega e latina</i>			Péricles Eugênio da Silva Ramos	1964
<i>Os filósofos pré-socráticos</i>			Gerd A. Bornheim	1967

AUTOR	OBRA	TRADUTOR	ANO
Homero	<i>Odisseia</i>	Jaime Bruna	1968
Xenofonte	<i>A educação de Ciro</i>		1965
Plutarco	<i>Vidas</i>		1963
Marco Aurélio	<i>Meditações</i>		1964
Apuleio	<i>Asno de ouro</i>	Ruth Guimarães	1963
Cícero	<i>Das leis</i>	Otávio T. de Britto	1967
Cícero	<i>Da velhice e Da amizade</i>	Tassilo Orpheu Spalding ⁶³	1964
Virgílio	<i>Eneida</i>		1980
Ovídio	<i>Arte de amar e contra Íbis</i>		1967
[Vários autores] ⁶⁴	<i>A arte de viver ensinada pelos clássicos</i> ⁶⁵	José Paulo Paes	1962

Tabela 5 - Coleção Clássicos de Bolso/Coleção Universidade. Ediouro/Tecnoprint.

AUTOR	TÍTULO	TRADUTOR	ANO
Aristóфанes/ Menandro	<i>A paz/O misantropo</i>	Mário da Gama Kury	
Aristófanis	<i>Lisístrata/ As nuvens</i>	David Gomes Jardim Jr.	1988
Aristóteles	<i>A Ética</i>	Cássio M. Fonseca ⁶⁶	
Aristóteles	<i>Arte retórica e Arte poética</i>	Antônio Pinto de Carvalho ⁶⁷	1970

⁶³ As duas traduções de Spalding foram também publicadas pela editora Nova Cultural.

⁶⁴ Contém trechos selecionados de Confúcio, Epicuro, Sêneca, Plutarco, Epicteto, Marco Aurélio, Boécio, Vives, Montaigne, Bacon, Pascal e outros pensadores mais recentes.

⁶⁵ Esse mesmo volume foi reeditado a partir de 1964 com o título *Pensamentos sobre a arte de viver*.

⁶⁶ Tradução originalmente publicada em 1944 pela editora Atena.

⁶⁷ Tradução indireta a partir do francês *Art rhetorique et Art poétique* com introdução de Jean Voilquin e Jean Capelle.

Aristóteles	<i>A Política</i>	Nestor Silveira Chaves ⁶⁸	1982
Demóstenes	<i>Oração da Coroa</i>	Adelino Capistrano ⁶⁹	1965
Ésquilo	<i>A trilogia de Orestes</i>	David Gomes Jardim Jr.	1988
Ésquilo e Sófocles	<i>Rei Édipo, Antígone e Prometeu acorrentado</i>	[J. B. de Mello e Souza] ⁷⁰	1980
Heródoto	<i>História</i>	Brito Broca ⁷¹	1968
Homero	<i>Ilíada</i> em versos	Carlos Alberto Nunes ⁷²	
Homero	<i>Odisseia</i> em versos	Carlos Alberto Nunes ⁷³	
Homero	<i>Ilíada</i> em forma de narrativa (prosa)	Fernando C. de Araújo Gomes	
Homero	<i>Odisseia</i> em forma de narrativa (prosa)	Fernando C. de Araújo Gomes	
Marco Aurélio	<i>Meditações</i>	Mário da Gama Kury	
Platão	<i>Apologia de Sócrates</i>	Maria Lacerda de Moura ⁷⁴	1967
Platão	<i>Diálogos (Mênnon/Banquete/Fedro)</i>	Jorge Paleikat ⁷⁵	
Platão	<i>Diálogos (Fédon/Sofista/Político)</i>	Jorge Paleikat e João Cruz Costa ⁷⁶ .	
Platão	<i>Diálogos (A República)</i>	Leonel Vallandro	1969
Plutarco	<i>Alexandre e César: vidas comparadas</i>	Hélio Vega ⁷⁷	
Xenofonte	<i>Ciropédia (a educação de Ciro)</i>	João Félix Pereira ⁷⁸	1967

⁶⁸ Tradução originalmente publicada em 1944 pela Atena. Levando em conta que sua tradução do *Tratado dos deveres*, de Cícero, é feita a partir de tradução francesa (FERNANDES, 2017, p. 49), parece provável que essa seja também uma tradução indireta.

⁶⁹ Tradução originalmente publicada em 1946 pela editora Atena.

⁷⁰ Tradução originalmente publicada no Brasil em 1950 pela W. M. Jackson.

⁷¹ Tradução originalmente publicada em 1950, pela W. M. Jackson na coleção Clássicos Jackson.

⁷² Tradução originalmente publicada pela editora Atena após 1945 (OLIVA NETO, 2014, p. 35).

⁷³ Tradução originalmente publicada em 1941 pela editora Atena.

⁷⁴ Tradução originalmente publicada em 1954 pela editora Atena.

⁷⁵ Originalmente publicadas em 1945 pela editora Globo (GOLDSCHMIDT, 2002, p. 351).

⁷⁶ Conforme a própria editora anuncia em sua capa, “direta do grego”. Essas traduções foram reeditadas pela Abril Cultural na coleção Os Pensadores.

⁷⁷ Tradução originalmente publicada em 1949 pela Atena editora. Já no século XXI, essa mesma tradução será publicada pela editora Escala, que não informa a data da edição.

⁷⁸ Antes publicada pela W. M. Jackson na coleção Clássicos Jackson.

Aristóteles, Horácio, Longino	<i>Crítica literária na antiguidade</i>	David Gomes Jardim Jr.	1989
Tucídides, Lísias, Isócrates, Ésquines, Demóstenes, Salústio, Cícero	<i>Eloquência grega e latina</i>	Jaime Bruna ⁷⁹	1985
Plauto, Terêncio	<i>A comédia latina</i>	Agostinho da Silva	1967 ⁸⁰
Epicuro/ Lucrécio	<i>O epicurismo/ Da Natureza</i>	Agostinho da Silva ⁸¹	1966
	<i>Poetas e prosadores latinos</i>	Leopoldo da Silva Pereira ⁸²	1968
Apuleio	<i>Asno de Ouro</i>	Ruth Guimarães ⁸³	
Cícero	<i>A República -</i>	Amador Cisneiros ⁸⁴	1973
Cícero	<i>Orações</i>	Padre Antônio Joaquim ⁸⁵	1966
Horácio	<i>Sátiras</i>	Antônio Luís Seabra ⁸⁶	
Júlio César	<i>Comentários sobre a guerra gálica</i>	Francisco Sotero dos Reis (1800-1871) ⁸⁷	
Juvenal	<i>Sátiras</i>	Francisco Antônio Martins Bastos ⁸⁸	1986
Ovídio	<i>A Arte de Amar</i>	David Gomes Jardim Jr.	
Ovídio	<i>Metamorfoses</i>	David Gomes Jardim Jr.	1983

⁷⁹ Tradução originalmente publicada em 1968 pela Cultrix.

⁸⁰ Tradução originalmente publicada em 1952 e 1967 pela Globo.

⁸¹ Tradução portuguesa publicada pela primeira vez no Brasil em 1962 pela editora Globo (FERNANDES, 2017, p. 200).

⁸² A nota biográfica apresentada pela Academia Serrana de Letras informa que a primeira edição dessa obra é de 1924. Disponível em: < http://academiaserranadeletras.com.br/images/Perfil_Patronos/Leopoldo_da_Silva_Pereira.pdf >. Acesso em: 18 out. 2018.

⁸³ Tradução originalmente publicada em 1963 pela Cultrix (FERNANDES, 2017, p. 183).

⁸⁴ Tradução originalmente publicada em 1956 pela Atena editora.

⁸⁵ Tradução originalmente publicada em Portugal em 1807 (FEIJÓ, 1824, p. 500), foi pela primeira vez publicada no Brasil em 1942 pela editora Cultura (FERNANDES, 2017, p. 180). Foi também publicada na coleção Clássicos Jackson (1948) e pela editora Atena (1956). Mais recentemente, foi ainda publicada pela Edipro (2005).

⁸⁶ Esta antiga tradução portuguesa foi pela primeira vez publicada no Brasil em 1908 pela H. Garnier. Posteriormente foi também publicada pela W. M. Jackson (1948) e pela Organização Simões (1953). Recentemente foi aproveitada também pela Edipro (2011).

⁸⁷ Tradução originalmente publicada no Brasil em 1863 pela Typographia B. de Mattos (FERNANDES, 2017, p. 176).

⁸⁸ Tradução originalmente publicada no Brasil em 1945 pela editora Cultura (FERNANDES, 2017, p. 181).

Petrônio	<i>Satíricon</i>	Miguel Ruas (introdução de G. D. Leoni) ⁸⁹	1970
Salústio	<i>Obras: Guerra catilinária, Guerra Jugurtina</i>	José Vitorino Barreto Feio (1782-1850) ⁹⁰	1967
Sêneca	<i>Obras</i>	G. D. Leoni ⁹¹	1971
Suetônio	<i>A vida dos doze cézares -</i>	Sady-Garibaldi ⁹²	1972
Tácito	<i>Anais</i>	Leopoldo da Silva Pereira (1868-1932) ⁹³	
Virgílio	<i>Eneida</i>	David Gomes Jardim Jr.	1970

Tabela 6 - Coleção Os Pensadores. Abril Cultural/ Nova Cultural/ Victor Civita.

TÍTULO	OBRAS INCLUÍDAS	AUTOR	TRADUTOR	ANO
<i>Os pré-socráticos: fragmentos, doxografia e comentários</i> ⁹⁴	[Doxografia]	Tales	Wilson Régis	1973
	[Doxografia]	Anaximandro	Wilson Régis	
	[Fragmentos]		José Cavalcante de Souza	
	[Doxografia]	Anaxímenes	Wilson Régis	
	[Fragmentos]		José Cavalcante de Souza	
	[Doxografia]	Xenófanes	Wilson Régis	
	[Fragmentos]		Anna Lia de Almeida Prado	

⁸⁹ Tradução originalmente publicada em 1949 pela Atena editora.⁹⁰ Tradução publicada pela primeira vez no Brasil em 1959 pela editora Logos (FERNANDES, 2017, p. 182).⁹¹ Tradução originalmente publicada em 1955 pela Atena editora e posteriormente publicada também pela Abril Cultural na coleção “Os Pensadores”.⁹² Tradução originalmente publicada em 1937 pela editora Atena (FERNANDES, 2017, p. 179).⁹³ Trata-se da primeira e até o momento única edição desta tradução. Segundo Funari e Garraffoni (2016, p. 14), sua “versão dos *Anais* guarda grande concisão” e merece “justa homenagem”. Pereira traduziu também a *Eneida* de Virgílio, publicada em 1920 pela Imprensa Oficial do Estado de Minas (FERNANDES, 2017, p. 143).⁹⁴ Seleção de textos e supervisão do prof. José Cavalcante de Souza; dados biográficos de Remberto Francisco Kuhnen.

	[Doxografia]	Heráclito	Wilson Régis	
	[Fragmentos]		José Cavalcante de Souza	
	[Doxografia]	Parmênides	Remberto F. Kuhnen	
	[Fragmentos]		José Cavalcante de Souza	
	[Doxografia]	Zenão de Eleia	Remberto F. Kuhnen	
	[Fragmentos]		Ísis Lana Borges	
	[Doxografia]	Melisso	Remberto F. Kuhnen	
	[Fragmentos]		Ísis Lana Borges	
	[Doxografia]	Empédocles	Remberto F. Kuhnen	
	[Fragmentos]		José Cavalcante de Souza	
	[Fragmentos]	Filolau de Crotona	Ísis Lana Borges	
	[Fragmentos]	Arquitas de Tarento	Ísis Lana Borges	
	[Doxografia]	Anaxágoras	Paulo F. Flor	
	[Fragmentos]		Maria C. M. Cavalcante	
	[Fragmentos]	Leucipo	José Cavalcante de Souza	
	[Doxografia]	Demócrito	Paulo F. Flor	
	[Fragmentos]		Anna Lia de Almeida Prado	
<i>Sócrates</i>	<i>Defesa de Sócrates</i>	Platão	Jaime Bruna ⁹⁵	1972

⁹⁵ Cultrix.

	<i>Ditos e feitos memoráveis de Sócrates</i>	Xenofonte	Libero Rangel de Andrade ⁹⁶	
	<i>Apologia de Sócrates</i>		Libero Rangel de Andrade ⁹⁷	
	<i>As Nuvens</i>	Aristófanes	Gilda Maria Reale Strazynski ⁹⁸	
<i>Platão: Diálogos</i> ⁹⁹	<i>O Banquete</i>	Platão	José Cavalcante de Souza	1972
	<i>Fédon</i>		Jorge Paleikat e João Cruz Costa	
	<i>Sofista</i>			
	<i>Político</i>			
<i>Aristóteles I</i> ¹⁰⁰	<i>Tópicos</i>	Aristóteles	Leonel Vallandro e Gerd Bornheim ¹⁰¹	1973
	<i>Dos argumentos sofísticos</i>			
<i>Aristóteles II</i> ¹⁰²	<i>Ética a Nicômaco</i>		Leonel Vallandro e Gerd Bornheim ¹⁰³	1973
	<i>Poética</i>		Eudoro de Souza ¹⁰⁴	
[Filosofia latina]	<i>Antologia de textos</i>	Epicuro	Agostinho da Silva ¹⁰⁵	1973
	<i>Da Natureza</i>	Lucrécio		
	<i>Da República</i>	Cícero	Amador Cisneiros ¹⁰⁶	

⁹⁶ Através da versão francesa de Eugène Talbot, conforme a própria editora informa nos dados catalográficos.

⁹⁷ Possivelmente através de versão francesa.

⁹⁸ Originalmente publicada pela Difusão Europeia do Livro (DIFEL) em 1967.

⁹⁹ Seleção de textos de José Américo Motta Pessanha.

¹⁰⁰ Seleção de textos de José Américo Motta Pessanha.

¹⁰¹ Da versão inglesa de W.A. Pickard.

¹⁰² Seleção de textos de José Américo Motta Pessanha.

¹⁰³ Da versão inglesa de W. D. Ross.

¹⁰⁴ Originalmente publicada pela editora Globo em 1966.

¹⁰⁵ Publicada no Brasil em 1962 pela editora Globo e em 1966 pela Ediouro.

¹⁰⁶ Anteriormente publicada pela editora Atena em 1956 e pela Ediouro em 1973 e 1985. Posteriormente publicada pela também pela Escala (1998) e, mais recentemente, pela Edipro (1996, 2011).

	<i>Consolação a minha mãe Hélvia</i>	Sêneca	G. D. Leoni ¹⁰⁷	
	<i>Da tranquilidade da alma</i>			
	<i>Medeia</i>			
	<i>Apocoloquintose do divino Cláudio</i>			
	<i>Meditações</i>	Marco Aurélio	Jaime Bruna ¹⁰⁸	

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FEIJÓ, J. M. M. *Orthographia*; ou, Arte de escrever, e pronunciar com acerto a lingua portugueza. Lisboa: Impressão Régia, 1984. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?id=SoYSAAAAIAAJ>>. Acesso em: 16 out. 2018.
- FERNANDES, T. (2017). *A Literatura Latina no Brasil: uma história de traduções*. Florianópolis. 205 f. Tese submetida ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina.
- FUNARI, P. P.; GARRAFONI, R. S. *Historiografia*: Salústio, Tito Lívio e Tácito. Campinas: Editora Unicamp, 2016.
- GOLDSCHMIDT, V. *Os diálogos de Platão: estrutura e método dialético*. Tradução de Dion Davi Macedo. São Paulo: Edições Loyola, 2002.
- OLIVA NETO, J. A. Breve anatomia de um clássico. In: VIRGÍLIO. *Eneida*. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Organização, apresentação e notas de João Angelo Oliva Neto. São Paulo: Ed. 34, 2014, p. 9-65.
- SOUZA, J. B. M. Prefácio. In: *Teatro grego*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson editores, 1950, p. V-XIII.

¹⁰⁷ Originalmente publicadas pela editora Atena em 1954. Publicada também pela Ediouro em 1971.

¹⁰⁸ Originalmente publicada em 1964 pela Cultrix.